



FMS CPM G
BIBLIOTEC

Jornal

Bahia Hoje

Data

05.04.92

Caderno

Cidades do Bahia

Seção

Assunto

Bairro

Campeão

Campo da decadência

Moradores e comerciantes se queixam do lixo, barulho e falta de segurança no bairro

KÁTIA BORGES

Vestígios do lixo domin-
gueiro espalham-se por
toda a área. O aspecto de
abandono só é quebrado
elo movimento intenso. O Campo
grande parece pulsar com o ritmo da
cidade. O monumento aos briosos
eróis do Dois de Julho não escapou
os pichadores. Um dos leões ostenta
incompleto o nome de uma banda de
rock. Nas conchas das estátuas que
simbolizam os rios Paraguaçu e São
Francisco, declarações de amor e no-
mes riscados a prego.

Os moradores e comerciantes in-
signados são unânimes em afirmar
que a beleza da praça merecia maio-
res cuidados. Confessam sentir pena
do local, que já foi seguro para as
crianças e idosos do bairro. Marga-
da Lessa Ribeiro, proprietária de
uma das únicas casas residenciais do
Campo Grande, ao lado da Residên-
cia Episcopal, mora há 60 anos no
local e assistiu à degradação da
praça de camarote. Da janela de sua
casa, tem-se uma vista quase total do
lugar.

“Há 15 anos, meus filhos po-
diam brincar no parque sem proble-
mas. Hoje, meus netos nem pisam
aqui”, conta, apontando o jardim. Ela

diz que as crianças já foram assalta-
das, enquanto brincavam no parque.
“Levaram os brinquedos e os sapatos
deles”. Outra reclamação dos mora-
dores do bairro, segundo Margarida
Lessa, é com relação ao barulho, pro-
vocado pelas pessoas que tomam
conta do largo aos domingos. “Eu
não ando à noite pelo Campo Grande
e mesmo durante o dia tenho medo
de atravessar a praça”, confessa.

O comerciante Dionísio Barral,
da Sorveteria Tropical, conta que as
senhoras, assustadas, costumam pro-
curar abrigo na sorveteria. Elas são
agredidas e roubadas por menores
infratores que atuam na área, nas
proximidades dos pontos de ônibus.
“O Campo Grande é lindo, mas está
abandonado. Aqui temos árvores se-
culares que servem de sanitário e
bancos que se transformam em ca-
mas para pedintes”.

O gerente da Sorveteria Campo
Grande, Rinaldo Caetano da Cruz,
acredita que os problemas possam
ser solucionados, desde que haja in-
teresse dos poderes públicos. “Falta
urbanização completa da praça,
maior segurança na área e vigilância
sanitária constante”.

Praça só é cuidada para a festa

Eleita como palco das principais
comemorações cívicas, a Praça Dois
de Julho passa por um fenômeno es-
tranhado a cada comemoração. Alguns
dias antes, ela é preparada para a
festa e, depois, ostenta os sinais da
destruição provocada pela *animação*
das pessoas. O que não é destruído
durante alguma das inúmeras festas
e manifestações promovidas no
Campo Grande vai, de domingo a do-
mingo, sendo gradualmente estrai-
do pelas pessoas que escolhem o
local como área de lazer nos fins de
semana.

nhas de ônibus que servem o local.
Os pastores também chegam cedo,
com microfones em punho e muita
disposição para reencaminhar as *al-
mas perdidas*. Apesar da gritaria,
eles não conseguem fazer com que o
movimento no Clube Cruz Vermelha
seja diminuído.

No Clube, fundado em 1883,
funciona uma danceteria que cos-
tuma receber mais de 1.500 pessoas
por noite, nos fins de semana. A in-
formação exagerada é do funcioná-
rio Laércio da Conceição Silva, que
trabalha no clube há mais de 10



Vestígios do lixo domin-
gueiro espalham-se por
toda a área. O aspecto de
abandono só é quebrado
elo movimento intenso. O Campo
Grande parece pulsar com o ritmo da
cidade. O monumento aos heróis do Dois de Julho não escapou
dos pichadores. Um dos leões ostenta
incompleto o nome de uma banda de
rock. Nas conchas das estátuas que
simbolizam os rios Paraguaçu e São
Francisco, declarações de amor e no-
ches riscados a prego.

Os moradores e comerciantes in-
signados são unânimes em afirmar
que a beleza da praça merecia maio-
res cuidados. Confessam sentir pena
do local, que já foi seguro para as
crianças e idosos do bairro. Marga-
da Lessa Ribeiro, proprietária de
uma das únicas casas residenciais do
Campo Grande, ao lado da Residên-
cia Episcopal, mora há 60 anos no
local e assistiu à degradação da
praça de camarote. Da janela de sua
casa, tem-se uma vista quase total do
largo.

“Há 15 anos, meus filhos po-
diam brincar no parque sem proble-
mas. Hoje, meus netos nem pisam
ali”, conta, apontando o jardim. Ela

diz que as crianças já foram assalta-
das, enquanto brincavam no parque.
“Levaram os brinquedos e os sapatos
deles”. Outra reclamação dos mora-
dores do bairro, segundo Margarida
Lessa, é com relação ao barulho, pro-
vocado pelas pessoas que tomam
conta do largo aos domingos. “Eu
não ando à noite pelo Campo Grande
e mesmo durante o dia tenho medo
de atravessar a praça”, confessa.

O comerciante Dionísio Barral,
da Sorveteria Tropical, conta que as
senhoras, assustadas, costumam pro-
curar abrigo na sorveteria. Elas são
agredidas e roubadas por menores
infratores que atuam na área, nas
proximidades dos pontos de ônibus.
“O Campo Grande é lindo, mas está
abandonado. Aqui temos árvores se-
culares que servem de sanitário e
bancos que se transformam em ca-
mas para pedintes”.

O gerente da Sorveteria Campo
Grande, Rinaldo Caetano da Cruz,
acredita que os problemas possam
ser solucionados, desde que haja in-
teresse dos poderes públicos. “Falta
urbanização completa da praça,
maior segurança na área e vigilância
sanitária constante”.

Praça só é cuidada para a festa

Eleita como palco das principais
comemorações cívicas, a Praça Dois
de Julho passa por um fenômeno es-
tranhoso a cada comemoração. Alguns
dias antes, ela é preparada para a
festa e, depois, ostenta os sinais da
destruição provocada pela *animação*
das pessoas. O que não é destruído
durante alguma das inúmeras festas
ou manifestações promovidas no
Campo Grande vai, de domingo a do-
mingo, sendo gradualmente estraga-
do pelas pessoas que escolhem o
local como área de lazer nos fins de
semana.

As pessoas começam a chegar
cedo, aos domingos, e entre carri-
nhos de algodão doce e pipoqueiros
enchem o largo. Algumas vêm de
bairros distantes, como Tancredo Ne-
ves e Castelo Branco. O acesso é faci-
litado pela enorme quantidade de li-

nhas de ônibus que servem o local.
Os pastores também chegam cedo,
com microfones em punho e muita
disposição para reencaminhar as *al-
mas perdidas*. Apesar da gritaria,
eles não conseguem fazer com que o
movimento no Clube Cruz Vermelha
seja diminuído.

No Clube, fundado em 1883,
funciona uma danceteria que cos-
tuma receber mais de 1.500 pessoas
por noite, nos fins de semana. A in-
formação exagerada é do funcioná-
rio Laércio da Conceição Silva, que
trabalha no clube há mais de 10
anos. O preço é colocado, segundo
ele, de acordo com a renda dos fre-
quentadores, em geral *secretárias do
lar* em dia de folga e operários. Aos
sabados e domingos, as mulheres pa-
gam CR\$ 300,00 e os homens CR\$
400,00.



Praça Dois de Julho sempre passa por uma “maquiagem” antes da festa e depois se expõe à destruição